década de 1930 buscaram estabelecer as "singularidades teóricas e práticas da educação brasileira" e para tal lançaram mão das matrizes científicas que a amparavam. A história da educação foi incorporada como matéria formadora de natureza disciplinar, mais no intuito de despertar valores humanos à prática educacional. Assim a "História da Educação foi conformada para ser útil, para oferecer justificativas para o presente e não para interpretar ou reinterpretar os processos históricos específicos da educação brasileira" (WARDE, 1990 apud MARQUES, 2006, p. 6).

Ao vermos toda a trajetória da educação a partir de sua história e os rumos que se tomou com relação ao tema abordado neste documento, dizemos que é inevitável a erradicação da relação professor-aluno de caráter narrativo, em que somente um fala o professor, e os demais, os alunos escutam discursos vazios, descomprometidos com a realidade social. É o que Paulo Freire denominou de educação bancária, na qual o professor deposita seus conhecimentos nas mentes "vazias" dos educandos. Neste cenário o que se demonstra é que o professor sabe tudo e o aluno não sabe nada. Ele é o sujeito, os discípulos são o objeto.

A distribuição entre dois mundos: o da natureza e o da cultura. [...] A cultura como o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. A cultura como resultado do seu trabalho. [...] Como incorporação, por isso crítica e criadora, e não como uma justaposição de informes ou prescrições "doadas".

[...] O seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto.

(FREIRE, 1975, p. 108 apud VALLE, 2005, p. 11).

Segundo o que foi observado durante a nossa passagem pelas escolas o quadro é assustador no que diz respeito ao diálogo o que é inexistente entre professor--aluno, vemos alunos oprimidos por uma pedagogia sufocante e ditadora. Percebemos que, somente a partir do diálogo, podemos despertar nos alunos das classes populares o desejo de se libertar da miséria e da opressão em que vivem, e nos das classes economicamente mais altas, a conscientização do quanto são opressores. Em busca de um homem concreto e mais liberto, o autor ainda nos apresenta o caminho do diálogo, para ajudar "o homem a tornar-se Homem" e o cerne de seu pensamento está em dois pontos: a conscientização e a educação como prática da liberdade.

Com relação ao primeiro ponto, citado por Freire, Jorge (1979, p.68 apud VALLE, 2005, p. 10), dá sua contribuição afirmando que a conscientização deve ser entendida como um desenvolvimento crítico da consciência, um caminho que leva o homem para além da fase de espontaneidade da apreensão chegando a fase critica, onde a realidade se torna um objeto cognoscível e se assume uma posição em procurar conhecer e distingui o natural do cultural.

De fato é necessário que haja esse desenvolvimento critico consciente por parte de ambos professor-aluno, para se ir além do conhecimento, pois o que se apresenta não é somente alunos inconscientes, mas também muitos professores com tal diagnóstico. O que tem ocorrido com a escola brasileira é que, forjada no seio de uma so-

ciedade autoritária, sem valor e desprovida de autenticidade cultural, não cria condições favoráveis ao envolvimento progressivo dos alunos no processo de democratização da escola e da sociedade. O clima reinante é de doação de conhecimentos dos professores para os jovens. Aqueles tudo sabem e acertam, e estes só erram e nada conhecem. É uma atitude desrespeitosa aos traços culturais dos educandos, geradoras de levas de passivos, acomodados e oprimidos. Sem o instrumental indispensável à revisão crítica de valores, atitudes, idéias e conhecimentos assimilados acriticamente ano após ano, geração após geração, impossibilita-se a libertação interior do homem.

Para Vygotsky, (apud WIKIPÉDIA, 2008) a relação educador-educando não deve ser uma relação de imposição, mas sim, uma relação de cooperação, de respeito e de crescimento, ou seja, o aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção de conhecimento, assumindo o educador um papel fundamental nesse processo, como um indivíduo mais experiente. Por essa razão cabe ao professor considerar também, o que o aluno já sabe, sua bagagem cultural e intelectual, para a construção da aprendizagem. O autor acredita que, a construção do conhecimento se dará coletivamente, portanto, sem ignorar a ação intrapsíquica do sujeito.

...uma atitude diante de alternativas para conhecer mais e melhor, atitude de espera ante os atos consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo – ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo – atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio – desafio perante o novo, desafio em redimensionar o velho – atitude de envolvimento e comprometimento com os e com as pessoas neles envolvidos, atitude, pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade, mas, sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, enfim de vida. (FAZENDA, 1998, p.82 apud ALVES, 2007, p. 81).

É certo que, o que está faltando além do diálogo citado sabiamente por Freire é a atitude aqui expressa por Fazenda, pois, a mesma trará consigo todos os demais saberes necessários para uma pedagogia libertadora e uma relação professor-aluno agradável, cheia de vida e trocas de experiências, ao lermos a citação enxergamos esta atitude como uma fonte que ao jorrar dentre os envolvidos trará grandes benefícios à educação, já para Piaget (apud WIKIPÉDIA, 2008) a aprendizagem do estudante será significativa quando esse for um sujeito ativo. Isso se dará quando a criança receber informações relativas ao objeto de estudo para organizar suas atividades e agir sobre elas. Geralmente os professores “jogam” somente os símbolos falados e escritos para os alunos, alegando a falta de tempo. Segundo ele esse tempo utilizado apenas para a verbalização do professor é um tempo perdido, e se gastá-lo permitindo que os alunos usem a abordagem tentativa e erro, esse tempo gasto a mais, será na verdade um ganho.

O modelo tradicional de intervenção do professor consiste em explicar como resolver os problemas e dizer “está certo” ou está errado “. Isso está contra a teoria

da psicologia genética de Piaget (apud WIKIPÉDIA, 2008) que enfatiza a importância da observação do professor sobre o aluno. Uma observação criteriosa, para ver o momento de desenvolvimento que a criança está vivendo, assim saber que atividade cognitiva aquele aluno estará apto a investigar. O professor será o incentivador, o encorajador para a iniciativa própria do estudante.

Segundo Tura o professor para Durkheim

[...] é um transmissor de saberes [...] valorizados e essenciais à continuidade societária. É um agente de formação integral dos alunos, e por isso, tendo o domínio das disposições pessoais para corresponder às exigências de seu tempo, pode criar condições para as mudanças sociais que se fizerem necessárias. Esta é a importante função social do mestre, de contribuição essencial para a formação de futuros cidadãos.

(DURKHEIM, 2002, p. 51 apud DEMETERCO, 2006, p. 87)

Coloca-se também a importância da espontaneidade da criança, muitas vezes o professor se mostra tão preocupado em ensinar que não tem paciência suficiente para esperar que as crianças aprendam, dificilmente aguardam as respostas dos educandos, e perdem a oportunidade de acompanhar a estrutura de raciocínio espontâneas de seus alunos. Com a concepção das respostas “certas” e sem o incentivo para pesquisa pessoal o estudante acaba por ter sua atividade dirigida e canalizada, podendo até dizer moldada pelo método de ensino tradicional. Por isso que Piaget fixa tanto essa idéia da espontaneidade do aluno, porém, essa espontaneidade muitas vezes é distorcida em suas interpretações. Se um professor deixar a criança sem planejar sua atividade, achando que essa aprenderá sozinha, erroneamente estará aplicando o que Piaget diz. Ainda a respeito da relação professor-aluno, o autor afirma que essa relação tem que ser baseada no diálogo mais fecundo, onde os “erros” dos estudantes passam a ser vistos como integrantes do processo de aprendizagem, isso se dá porque à medida que o aluno “erra” o professor consegue ver o que já se está sabendo e o que ainda deve ser ensinado o autor reforça que o aprender não se reduz à memorização, mas sim ao raciocínio lógico, compreensão e reflexão, diferentemente de Vygotsky, o mesmo acredita que o aprendizado é individual, será construído na cabeça do sujeito a partir das estruturas mentais que ele possui, e evidencia esta relação baseada na cooperação de ambos assim, será através do debate e discussão entre iguais que o processo do desenvolvimento cognitivo se dará, e o professor assumindo o papel apenas de instigador e provocador, mantendo o clima de cooperação. As conseqüências serão à descentralização, a socialização, à construção de um conhecimento racional e dinâmico dos alunos.

Dessa forma, a produção das crianças passa a fazer parte do processo de ensino e aprendizagem, buscando compreender o significado do processo e não só o produto. Dentro dessas situações de conflito facilmente observada nas escolas, o professor pode fazer toda a diferença. Se o professor tiver conhecimento do conflito eu - outro na construção da personalidade do aluno com certeza, ele saberá conduzir as relações e receberá esses estímulos com mais calma não tomando os mesmos como uma questão pessoal. O professor precisa

compreender o aluno e seu universo sócio-cultural. Mas conhecer esse aluno (e seu universo) implica em uma pré-disposição de amá-lo. Cabe ao professor investigar mais esse aluno e, ao longo de sua formação, não deixar que esse educando acumule raivas ou questionamentos. Hoje muito se sabe que o lado intelectual caminha de mãos dadas com o lado afetivo, pois conforme Paulo Freire

"não há educação sem amor".

## CONCLUSÃO

Para muitos alunos, a acomodação prevalece, enquanto que para outros a cobrança é fator dominante.

Nossas escolas continuam desorganizadas, com ambientes descontínuo e caótico que só desfavorece as condições para o ensino e aprendizagem. Em matéria de mau desempenho, avaliado pelas taxas de repetência e evasão, estamos deixando muito a desejar. Ainda não estamos dando conta da tarefa de garantir aos alunos, cada um com seu ritmo e característica, o acesso ao conhecimento e às habilidades indispensáveis para o trabalho e cidadania. Pior do que tirar a chance do crescimento dos alunos é o paternalismo de alguns professores, que se preocupam em assinar o ponto e manter a imagem de professor bonzinho frente aos alunos.

Através da pesquisa realizada fica claro que é necessário recuperar o prazer de aprender e que a escola, necessariamente, não precisa ser chata e ritualista, deve-se valorizar o pensamento crítico, no sentido que o aluno raciocine sobre o conhecimento. O que se percebe é que o aluno espera receitas prontas, tem preferência por professores com muitas habilidades, todavia, o interessante seria desenvolver habilidades nos próprios alunos; gostam de professores que esquematizam tudo, mas os alunos não sabem esquematizar. Sendo assim, alguns ditos bons professores, repetem uma pedagogia passiva, muito pouco critica e criativa, precisamos de bons professores que tenham compromisso com uma prática transformadora que oportunize o crescimento e o desenvolvimento em todos os sentidos, buscando novas metodologias, novos conhecimentos, investigando e, o principal, despertando no aluno essa vontade de descobrir o inusitado.

Considerando esses pontos discutidos, o relacionamento entre professor e aluno deve ser de amizade, de respeito mútuo, de troca de solidariedade, não aceitando de maneira alguma um ambiente hostil e opressor que semeie o medo e a raiva no contexto de sala de aula. A prática pedagógica deve sempre prezar o bem estar do educando, entretanto quando o educador consegue entender o poder dessa pedagogia do amor e toda a bem querência que a mesma traz mais e mais alunos aprenderão com maior facilidade e gosto e, acima de tudo, mais e mais professores notáveis e inesquecíveis passarão pela vida de nossos educandos deixando suas marcas positivas. Marcas estas que bombardearam de experiências minha vida acadêmica, através desta pesquisa e todo o curso em si, pois, o desejo de mudança, de fazer diferente tomou conta do meu coração em detrimento a todo este diálogo entre os autores aqui citados, foi muito bom e com certeza colheremos frutos.